

Não escolhi liderar, mas me escolheram como liderança! Uma construção pretagógica de liderança feminina

Miriam Generoso

Miriam Generoso é Mestre em Justiça e Segurança pelo PPGJS/UFF. Articuladora territorial. miriam_generoso@id.uff.br

Resumo

Esse artigo apresenta a construção identitária e de amadurecimento de uma mulher preta em articulação territorial e os movimentos que a levaram e se reconhecer e ser reconhecida como liderança feminina no Morro da Providência, zona portuária do Rio de Janeiro. No presente artigo busco demonstrar de que maneira a liderança se apresenta em múltiplas vivências, a caminhada e de que forma a sua atuação dentro do movimento social impacta outras mulheres e como essa relação social se retroalimenta dentro de uma construção de rede imersa em afetividades.

Palavras-chave: pretagogia; afetividade; liderança feminina.

Abstract

This article presents the identity construction and maturation of a black woman in territorial articulation and the movements that led her to be recognized as a female leader in Morro da Providência, the port area of Rio de Janeiro. In this article, I seek to demonstrate how leadership presents itself in multiple experiences, the journey and how its action within the social movement impacts other women and how this social relationship feeds back into a network construction immersed in affectivities.

Keywords: *pretagogy; affectivity; female leadership*

Resumen

Este artículo presenta la construcción y maduración identitaria de una mujer negra en la articulación territorial y los movimientos que la llevaron a reconocerse y ser reconocida como mujer líder en Morro da Providência, la zona portuaria de Río de Janeiro. En este artículo busco demostrar cómo el liderazgo se presenta en múltiples experiencias, el recorrido y cómo su acción dentro del movimiento social impacta a otras mujeres y cómo esta relación social se retroalimenta en una construcción de red inmersa en el afecto.

Palabras-clave: *pretagogía; afectividad; liderazgo femenino.*

INTRODUÇÃO

Sou uma mulher de pele preta, favelada e ifaísta¹. Essas informações por si só dizem quem eu sou, de onde venho e de que lugar eu falo. Esses marcadores sociais que minha existência carrega no cotidiano dos meus afazeres e vivências dentro do território onde moro e compartilho experiências com outras mulheres. Reconhecer o lugar de fala é compreender que nem todas as pessoas têm as mesmas oportu-

¹ Praticantes e cultuadores do Ifá, sistema filosófico/religioso de origem africana, de divinação e aconselhamentos para a melhora e bem estar de seus seguidores numa perspectiva individual e coletiva.

nidades e vivências na sociedade. É entender que as experiências individuais são moldadas por fatores sociais, culturais, econômicos e históricos, e que isso influencia profundamente a maneira como vemos o mundo e como somos vistos por ele. Nesse diapasão, a filósofa Djamila Ribeiro (2017, 47) aponta que pensar lugar de fala é uma postura ética, pois “saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, pobreza, racismo e sexismo”.

Nesse texto, vou discorrer sobre minha trajetória e os caminhos de construção de liderança feminina nas atividades que exerço em uma instituição do terceiro setor na favela onde moro e atuo. Como as vivências e experiências compartilhadas com outras mulheres contribuíram para a minha construção de identidade, narrativa e relação com o território.

Aqui apresentarei duas perspectivas de liderança que me atravessaram profundamente e das quais venho me empenhando para entender a especificidade de cada ação e atuação em ambas e de que maneira essas experiências potencializadoras provocaram mudanças tão extraordinárias em mim e transformaram e ainda transformam minha vida: a religiosa e profissional.

A primeira perspectiva que mudou toda a rota da minha existência foi a religiosa. Por vezes penso que passei a entender minha vida depois dos ritos iniciáticos e que antes disso não há nada, apenas um grande vazio existencial sem lugar no mundo ou para onde seguir. A outra que se segue é no aspecto profissional. Como a ida para o terceiro setor atuando como coordenadora em uma OSC no alto do Morro da Providência modificou a minha percepção e relação afetiva sobre o lugar onde moro, a forma de me posicionar e relacionar com outras mulheres do território e como, por meio dessas experiências, venho me tornando articuladora territorial na zona portuária.

Laroye² Esu!

Comecei a me aproximar de religiões de matriz africana em 2014. Estava em um período de depressão e vi anúncio de aulas de dança afro na região. À época, as aulas aconteciam no IPN – Instituto Pretos Novo, confesso que não conhecia o lugar e nem sua história. As aulas aconteciam duas vezes por semana. Era muito tímida até aquele momento. Só muitos anos depois que entendi que não era timidez e sim anos de silenciamento causados pelas violências que passei na

² Saudação utilizada para homenagear o orixá Esu

infância e adolescência. Tais situações podaram minhas potencialidades.

Não demorou muito para que eu me apaixonasse pelas danças populares, meu corpo vibrava de forma diferente ao som dos tambores e atabaques que entoavam junto ao cântico dos mestres jongueiros. Esse frenesi soou-me como um chamado ancestral para cuidar da espiritualidade. Não muito tempo depois, fui procurar uma casa de umbanda, lugar que me acolheu e que já sinalizava que eu tinha uma missão: vestir o branco e “*trabaiá*”, parafraseando o preto velho que cuidava daquele lugar.

Aquela casa, aquelas entidades foram ponto de partida para que iniciasse minha trajetória espiritual ou a busca pelas respostas que ansiava, mas não sabia as perguntas, pois como verbalizar um sentimento ainda não formulado no pensamento, mas sentido quando estava em comunhão com as entidades? Não fiquei por muito tempo naquele espaço. Os movimentos me levaram a outros lugares. Conheci casas de candomblé e por mais que sentisse a comunhão de energia com minha espiritualidade, não sentia que era ali que deveria me cuidar. Voltei a visitar outras casas de umbanda. Nessa mesma época mudei de cidade, fui morar em São Paulo, e lá continuei a procurar por um lugar que eu pudesse cultuar meus ancestrais.

Anos depois, sem resposta, visitei o Rio de Janeiro para um cuidado específico com uma pessoa conhecida que à época me orientou iniciar no candomblé. Naquele momento, aceitei. Retornei para casa em São Paulo e meses se passaram e uma inquietação constante me afligia o peito. Não sentia que deveria iniciar. Fui indicada a jogar opele, rosário sagrado de ifá, instrumento de adivinhação do culto yoruba. A orientação que eu me acalmasse, pois eu encontraria a resposta.

Em uma viagem ao sul da Bahia, pensando incessantemente sobre o assunto, decidi me iniciar no culto de ifá e não no candomblé. Voltei ao Rio de Janeiro e assim o fiz, recebi todos os materiais sacralizados e informações para começar a prática religiosa.

Após a iniciação, tive um ano muito difícil e de muitas mudanças e a principal delas foi retornar para o Rio de Janeiro e voltar a morar onde estou atualmente. Meu retorno foi bem complicado, pois veio na sequência de um término de relacionamento. Mas pouco tempo depois, passei por mais um rito, minha iniciação ao orixá Esu.

Nesse novo momento foi prescrito que eu deveria cuidar de pessoas em âmbito sacerdotal e, como bem apresenta Clarissa Brito, (2021, p.26) “uma iniciação ao culto de ifá coloca você em contato com seu destino, com sua trilha de vida, sua essência.” Esse novo marcador na minha vida trouxe inúmeras inquietações que persistem até os dias de hoje.

Mesmo depois de iniciada, as inseguranças e medos sempre estiveram presentes. Ao longo da minha vida passei por violências e atravessamentos que me fizeram perceber o quanto minhas potencialidades foram podadas e reduzidas. Embora a religiosidade já mostrasse o quão potente eu seria ao afazer sacerdotal, as minhas crenças limitantes associadas às violências me limitaram.

Hoje, mais amadurecida e fortalecida quanto à minha construção identitária e entendendo meu lugar no mundo, me vejo instigada a vivenciar e experimentar essa missão escolhida por mim e meus ancestrais antes mesmo eu tivesse consciência dessa escolha. A liderança a mim imposta pela espiritualidade está sendo pensada com muito cuidado, afinal, estamos falando de um cuidado específico e que sua construção requer tempo e paciência, pois os pensamentos são infundáveis. Atualmente, cuido da minha espiritualidade e faço aquilo que me preceituam nos jogos adivinhatórios. Nesses momentos e com muita fé, peço paciência aos meus ancestrais para que eu possa caminhar em outra direção nesse momento, mas que entendi meu destino e sei para onde devo caminhar.

Meu lugar, minha casa, meu território

Desde muito pequena morei em muitos lugares, muitas casas e com muitos parentes e na maior parte do tempo em favelas e comunidades da zona norte do Rio de Janeiro. Até a adolescência, morei no Morro do Encontro, Andaraí e Cruz.

Com quinze anos me mudei para a zona portuária, minha família se mudou para a região em 2000, muito antes das gigantescas transformações que o lugar sofreu. Quando nos mudamos, o apartamento onde fomos morar era parte do projeto do governo que poderia ser facilitado com o abatimento no fundo de garantia. Meu tio era funcionário da Petrobrás, e foi assim que paramos lá. O imóvel, na época, era avaliado em torno de cinquenta mil reais. O apartamento se localiza na Ladeira da Saúde, com vista para a Baía de Guanabara. Era caótico pois tinha o viaduto da perimetral e os armazéns abandonados em toda a

extensão da Avenida Rodrigues Alves. Lembro que em horários de pico era infernal a quantidade de buzinas e sirenes no viaduto.

Como boa adolescente e que desde criança sempre andou sozinha pelas ruas, fui caminhar pelo novo bairro para conhecer um pouco mais. Confesso que detestei, era estranho e vazio. Muitos caminhões, pouco comércio e até mesmo a Praça da Harmonia era um pouco deserta. Quando nos mudamos, fui estudar o último semestre do ano letivo na Escola Darcy Vargas, e o único momento de agitação era a chegada, troca de turno e saída dos alunos da escola e da Casa do Pequeno Jornaleiro, que muitos anos antes, era um internato para meninos. A rua onde eu estudava dava medo a certa hora, pois além de ser deserta à noite, tinham muitos caminhões estacionados aguardando a carga de farinha do antigo moinho e da fábrica da Piraquê.

Nesse período, lembro da antiga Polinter, que ficava beirando a Rodrigues Alves. Foram dois acontecimentos que nunca me saíram da memória. O primeiro foi quando o cantor Belo foi preso, o alvoroço de repórteres no bairro para tentar captar imagens dele e o escândalo do envolvimento dele com o tráfico de drogas. Outra situação foi a fuga de presos. Eles jogaram um caminhão contra a parede de uma das celas permitindo que os presos evadissem da delegacia.

A Praça Mauá era caótica, com a presença de prostitutas, o estacionamento dos servidores da Marinha embaixo da perimetral e a antiga rodoviária de ônibus intermunicipal que ia para a baixada fluminense onde ficava um antigo hospital.

Foram mais de vinte anos acompanhando as mega-obras e transformações. Porto Maravilha. Boulevard Olímpico. Mas o sentimento de pertencer e fincar raízes nesse lugar veio muitos anos depois e olhar para trás me faz perceber que não há outro lugar no mundo que eu queira estar senão aqui. Aqui construo minha história de vida e de onde eu sou.

As mulheres que sulearam meu caminho

No meu retorno de São Paulo, pude conhecer novos amigos e pessoas que foram suleadoras para que eu pudesse ter novas perspectivas sobre minha própria narrativa e meu território. Nesse aspecto, SANTOS, MENESES (2010, p.19), aborda que "O reconhecimento da diversidade epistemológica tem hoje lugar,

tanto no interior da ciência (a pluralidade interna da ciência), como na relação entre ciência e outros conhecimentos (a pluralidade externa da ciência). Designamos a diversidade epistemológica do mundo por epistemologias do Sul. O Sul é aqui concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo. Esta concepção do Sul sobrepõe-se em parte com o Sul geográfico, o conjunto de países e regiões do mundo que foram submetidos ao colonialismo europeu.”

Desempregada, fui trabalhar no Quilombo Cultural Casa do Nando, que à época situava-se no Largo da Prainha. Foi meu primeiro contato com um ambiente majoritariamente preto e com referências afro-brasileiras. Nesse espaço conheci duas pessoas pontuais, Rita Montezuma e Ernane Ferreira.

Nesse momento farei um recorte específico, falarei sobre o Ernane, professor de dança afro da Casa Amarela. Ele foi ponte para que eu chegasse até a instituição. Fazíamos dança afro juntos, embora ele atue na dança há mais de 20 anos. Ele é mineiro e veio para o Rio para conhecer novas práticas e metodologias da dança. Ele dava aulas para crianças e, para as primeiras apresentações, eu confeccionei todo o figurino da apresentação e atuei como produção no espetáculo das crianças.

Criado um vínculo com a instituição, anos depois, em 2021, no caos da pandemia e todo o processo de *lock-down*, fui convidada para compor o time de colaboradores da OSC atuando como coordenadora do Coletivo MIP, grupo de mulheres que, naquele momento, atendia as mães das crianças que estavam em atividades na Casa Amarela.

Esse convite foi um divisor de águas na minha vida. Nunca havia aparecido um desafio tão grande na minha vida, pois em nenhum momento pude coordenar um grupo tão grande de pessoas.

Fui indicada pelo Coordenador não apenas pela nossa amizade, mas por ser uma mulher do território e empreendedora. A função era coordenar as práticas em campo e articular o diálogo entre alunas, professoras e direção. Naquele momento, era para atuar na coordenação de cursos profissionalizantes, o Coletivo recebeu verba do projeto *Fund for Women*, financiado pela empresa internacional L'Óreal, que possui sede no Brasil na zona portuária.

Como coordenadora do curso eu participava na organização direta e administrativa de todo o processo. Desde a inscrição nos cursos à organização de uma feira comunitária no Largo ao final do curso. Articula-va com as professoras, que atuam diretamente com as estudantes e dialogava com estas últimas sempre que possível. Eu também auxiliava a diretora na documentação e posterior prestação de contas à empresa financiadora do projeto, inclusive comunicando eventuais adiamentos em decorrência de operações policiais na comunidade. Era bastante trabalho.

Com o amadurecimento do trabalho e pensando em avançar em outros campos, especificamente na educação, convidei para atuar com nossas mulheres do Coletivo, mulheres negras que atuavam em áreas diversas para que pudessem realizar trocas com nossas alunas. Depois de nove meses de cursos profissionalizantes implementei, efetivamente, os dois eixos que se seguiram nos anos seguintes: o Empreendedorismo e a Formação Educativa do Coletivo MIP. O primeiro, buscando a capacitação e formação profissional por meio de cursos e mentoria, focado na geração de renda, empreendedorismo e empregabilidade. O segundo, buscando a transformação social por meio de atividades educativas que promovessem o desenvolvimento intelectual e pensamento crítico e social com base em letramento racial, de gênero e classe. Todas as referências utilizadas eram afro centradas e afro referenciadas, com recorte e olhar sensível às especificidades das mulheres moradoras de favelas.

São três anos atuando com mulheres como eu, faveladas, inseguras, que se autossabotam, com suas crenças limitantes, mas que estamos construindo uma rede onde nos apoiamos e estamos amadurecendo juntas vários processos individuais e coletivos. Essa aproximação com mulheres tão diferentes de mim, mas tão parecidas em tantos outros aspectos, mudou totalmente quem eu sou. A construção diária dessa rede de afeto e acolhimento me permite dizer que nunca tive um lugar tão seguro. Um lugar tão meu que eu pudesse abrir tantas feridas e me permitir mostrar minhas fragilidades, sendo cuidada e acolhida por tantas mulheres que transformaram minha vida ao ouvir tantas narrativas que me auxiliaram a construir a minha. Meu amadurecimento e crescimento, tanto pessoal como profissional, se deve a tanto amor e carinho dado e recebido nesse grupo de mulheres, que mudaram muito a minha forma de ver o mundo. Elas que suleam minhas ações me fazendo olhar para dentro.



A busca por conhecimento

No mesmo ano que iniciei minhas funções junto ao Coletivo MIP, ingressei no programa de mestrado em Justiça e Segurança da Universidade Federal Fluminense. Já no início daquele ano me deparei com dois dos maiores desafios pelo quais havia passado na vida: liderar mulheres e estar numa universidade pública.

Como disse, sempre fui insegura. Crescer em meio a violências me tornou uma mulher silenciada. Fui podada em muitas potencialidades e hoje percebo o quanto impactaram de forma negativa na minha vida e que só agora, tendo uma rede de apoio, eu posso identificar todos os atravessamentos que me mantiveram muda ao longo da vida. Ter pertencimento da própria voz é um processo doloroso, difícil e moroso, requer tanto olhar atento à questão e muito apoio para revisitar as dores. Jamais imaginei que pudesse estar à frente de mulheres.

Eu sou oriunda de ensino privado. Eram minhas possibilidades, afinal, além de não possuir referências vivas no seio familiar e nem apoio para estudar, saí de casa cedo por conta de um abuso vivido dentro de casa, e fui trabalhar. Então, estudar em uma universidade pública era inviável. Parei de estudar quando saí de casa, fui trabalhar e ganhar a vida. No meu primeiro emprego, com a tão sonhada carteira assinada, sempre fui incentivada a voltar aos estudos; foi a primeira vez que era reconhecida como alguém inteligente. Era uma senhora portuguesa, por quem nutria tanto amor e afeto que meus agradecimentos por ela serão eternos. Ela estava lá no começo, me auxiliando a mudar o rumo da minha vida. Terminei o ensino médio pela EJA e em seguida fui cursar a faculdade de direito. Minha chefe que pagava minha faculdade; era bom para as duas partes pois o marido tinha um escritório, era advogado, e eu estava iniciando os estudos e podia auxiliar com petições simples e protocolar peças e ações no Fórum.

O primeiro ano da faculdade tinha muitas disciplinas que despertaram meu interesse: sociologia, antropologia, ciências políticas e psicologia. Foram as que eu mais me empenhei e que foram mudando aos poucos algumas percepções de mundo que eu tinha. Nas disciplinas seguintes, começaram as aulas do direito em sentido estrito, e foi quando me dei conta que não servia para o direito. Acho que muito disso envolvia ter que falar e me expressar para outras pessoas. Pleitear direitos e argumentar; só de pensar me pa-

ralisava. Eu era calada, totalmente muda. Mas me dei conta também que gostaria de estudar cinema. Isso era o que me fascinava desde criança, estar à frente de uma tela e assistir filmes e qualquer produção que fosse. Mas, a contragosto e por pressão de amigos e familiares, concluí o curso de direito.

Muitos anos depois, fui convidada por uma conhecida a participar de um grupo de estudos para o processo seletivo de mestrado. Era um desejo antigo estar na universidade pública, mas nunca achei que fosse capaz, até porque o nivelamento do ensino privado não é tão potente e estimulador quanto de uma universidade pública. Mas eu queria voltar a estudar e de forma despretensiosa entrei no grupo. Fiquei surpresa quando recebi o resultado da prova escrita, pois havia passado. Achei que não conseguiria, pois naquela época eu era diarista e fazia faxina na casa das pessoas, e tive pouco tempo hábil para elaborar uma prova melhor, mas me orgulhei quando tirei uma nota um pouco acima da média. Chorei!

Agendada a prova oral eu estava em pânico, pois coincidiu com a data em que eu precisaria passar por uma cirurgia e ia correr para o hospital para me internar. Lembro de me desestabilizar na hora da entrevista, que na época foi virtual por conta da pandemia do COVID-19. Comecei a chorar, mas todos os professores da banca foram super acolhedores e compreenderam minha situação. Eu estava uma pilha de nervos. Dias se passaram e uma amiga, a Rita, me ligou para falar do resultado do processo seletivo. Eu estava aprovada e choramos juntas pelo telefone.

Eu não fazia ideia do que era segurança pública; só entrei no grupo de estudos porque queria voltar a estudar. Até hoje, mesmo sendo mestre, me pergunto se de fato sei o que é. Mas o processo de escrita e dissertação trouxeram grandes transformações na minha vida.

Como meu objeto de pesquisa era a relação entre as mulheres do Coletivo, pude ampliar meu olhar em vários aspectos. O primeiro, sobre quem são essas mulheres. Depois, onde nós estamos e, por último, o quanto a ONG onde o coletivo se encontra para atividades impactou no nosso território. Foram vários momentos de introspecção e dificuldades nesse processo. O primeiro e talvez maior de todos, que sinto que persiste um pouco mesmo depois de concluído, é a escrita. Cansei de falar com meu orientador que não sabia escrever. Até mesmo esse texto que escrevo agora, levei dias para escrever. Acho que não está

adequado e nem bom o suficiente, mas essa avaliação por hora, deixo a cargo de leitor.

Embora tenha sido dolorosa a escrita, passei a olhar meu território de forma mais afetiva e me entendendo cada vez mais pertencente a ele, ouvindo diariamente histórias de outras mulheres que vivem aqui. Confesso que ouvir as mais velhas sempre eram mais divertidas, acho que pela alegria e descontração que elas contavam as vivências passadas que tiveram pelo morro.

Nesse mesmo processo de observação e escrevivências com essas mulheres, que um tempo depois se tornaram “minhas mulheres”, foi o início da construção e relação de afeto que temos hoje. Foram muitas escutas atentas e afetivas que tivemos ao longo de três anos. Construindo laços, amizades, boas risadas e conflitos também. Aprendizados que me levaram a tantos lugares que eu jamais imaginei estar.

Definitivamente, mesmo entendendo que não seguirei caminho acadêmico, ou ao menos não é minha intenção, não posso negar o quanto ter acesso a tantos conhecimentos e metodologias impactaram o meu posicionamento hoje. Acumulando minhas experiências de vida, conhecimentos acadêmicos e saberes coletivos, eu percebo que todo o processo pretagógico que venho construindo tem me levado a ampliar minha atuação no território.

Articulação territorial na zona portuária

Como disse anteriormente, uma das pessoas pontuais que sulearam meu caminho foi a Rita Montezuma, a primeira referência de mulher preta potente e extraordinária que conheci na vida. Ela foi minha maior incentivadora para voltar a estudar e ingressar no mestrado. Foi com ela que participei do meu primeiro projeto, idealizado por mulheres negras, dentro da Pequena África. Gestamos o Afro Cine Ipade, projeto de cineclubes com perspectivas afrocentradas, onde nos encontrávamos para assistir filmes produzidos e protagonizados por pessoas negras e depois debatíamos e discorriamos sobre o que assistimos. Com certeza, tal ação contribuiu muito para que eu solidificasse minha pretitude, que não é um processo fácil.

No mesmo ano da idealização do Afrocine, em 2018, comecei a ir às apresentações do Afoxé Filhos de Gandhi, sendo convidada a participar como integrante do corpo de dança. Eu sempre amei estar ali, ouvindo o

som dos atabaques e do agogô, eu sentia meu corpo extasiado dançando com os mais velhos. Desde então, não me vejo em outro grupo, mesmo “flertando” com outros grupos de manifestações de dança e cultura popular. Vejo ali, e as mais velhas afirmam, meu lugar dentro desse espaço.

Nas articulações pelo território, fui convidada a participar do Coletivo Machado de Assis, que pensa ações para moradores e viventes da zona portuária. Junto a eles pude conhecer melhor os acessos do território. Uma de suas ações, era a entrega de quentinhas a moradores de rua e das muitas ocupações que temos no bairro que eu não fazia ideia que existiam. Era um trabalho coletivo, com alguns voluntários que revezavam entre si os dias de entrega. Acredito que atuar junto ao coletivo fez com que eu tivesse um outro olhar das ocupações, de atenção e pensar possibilidade com esse grupo em específico.

Ao longo dessa jornada pelo território, fui convidada para conhecer projetos. Em um deles, o Café com Vizinhos, projeto de articulação territorial do Museu de Arte do Rio - MAR, fui a algumas reuniões e pude conhecer melhor outras narrativas da zona portuária, além de pessoas e projetos. Desde então, faço parte do projeto e virei parceira, sendo convidada para atividades do museu como educadora e como coordenadora do Coletivo MIP. Essa parceria permite aproximar as mulheres desse espaço, além de atualizar as instalações como extensão de nossas atividades educativas, ampliando o campo de desenvolvimento de pensamento crítico das nossas alunas sobre si e o território.

Por meio do MAR, tomei conhecimento do processo de mapeamento sócio territorial que os museus do MAR e Amanhã implementaram para conhecer melhor as demandas do território e pensar ações efetivas para aproximar os moradores dos museus. Me inscrevi no processo seletivo e fui aprovada para ser supervisora de uma das equipes de mapeamento. Esse processo durou cerca de um mês e meio, mas foi uma das ações mais agregadoras em que eu pude participar. Me possibilitou conhecer mais narrativas diferentes daquelas que tenho na convivência. Foi bom ouvir outros sujeitos que também atuam no território em diferentes frentes.

Em processo constante de construção

Ao longo de toda uma trajetória de vida na zona portuária, venho construindo narrativas de protagonismo

e articulação territorial, me tornando liderança para compor as falas femininas de tantas outras mulheres potentes no mesmo território. Muitos são os caminhos que me levaram a estar aqui, verbalizando e fraseando toda uma jornada que tem sido forjada a afeto e superação, dor e cura.

Acredito que a forma que venho pensando minhas ações perpassa a escuta e a atenção de tantas outras mulheres, que assim como eu foram silenciadas em vários momentos da sua vida, senão em toda ela. Busco fazer de minha narrativa um grito uníssono de libertação para tantas opressões que mulheres carregam consigo e batalham diariamente em seus cotidianos. Parece megalomaniaco, mas começo por mim, e vou caminhando junto de outras como eu e assim fazendo fortalecer uma única voz.

Uma vez, em um encontro, tive a melhor lição de liderança, que não está nos cursos e apostilas prontas que vendem ou ensinam por aí. No convite de um parceiro para conhecer um articulador social de uma instituição na baixada fluminense, fomos tomar uma cerveja no final de um dia cheio de trabalho. Na mesa, em meio a muitos falatórios e histórias do movimento social, educação e hip hop, me abri com um deles, homem preto e doutorando em educação, falei sobre minha insegurança quando ouço das minhas alunas e componentes do coletivo que eu coordeno que eu que lidero elas. Ele foi direto ao me responder: "São as pessoas que nos escolhem para liderar, não somos nós!" E foi essa frase, seca e certa, que me atingiu feito uma pedrada, que reverberou meses para que eu me entendesse nesse lugar. Me vejo no processo de me tornar líder. Acho que falta muito; tenho a certeza de que muitos erros e desafios virão. Mas estou aqui, amadurecendo e aprendendo com as mulheres a liderar.

Referências

BRITO, Clarissa. O enegrecer psicopedagógico: um mergulho ancestral. São Paulo. Jandaíra, 2021.

RIBEIRO, Djamila. Lugar de fala. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula [orgs.]. Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010